

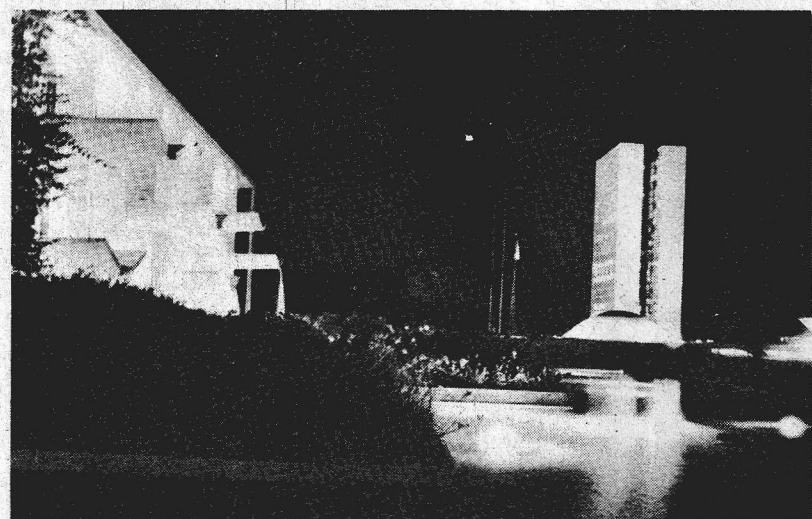
JOVEM E DINÂMICO;
ARTISTA DA PALAVRA;
HUMANO E HUMILDE;
ASSIM É FERNANDO MENDES
VIANA, POETA DO TEMPO
E DE MUITO TEMPO,
ACIMA DE TUDO,
É POETA DE BRASÍLIA.

“CONFESSO QUE POR ISSO, EM
TUA MEMÓRIA, — ADOLESCENTE
ENTERRADA, DESAPARECIDA
TÃO CEDO DE NOSSOS OLHOS
— POR TUDO ISSO EU TE AMO
QUASE SEMPRE À NOITE. SEM O
VERDE QUE ENFEITA A TUA
PELE PRIMITIVA...”

ANTONIO DORGIVAN É,
SEM DÚVIDAS, UM FOTÓGRAFO
ESPECIAL. A ELE COUBE
A FELICIDADE E O PRIVILÉGIO DE
TER UMA AGUDA SENSIBILIDADE
QUE AÍ ESTÁ TRADUZIDA
PELAS IMAGENS CAPTADAS
NA BELEZA DA CAPITAL.

BRASÍLIA

Outrora — há tão pouco tempo e há tanto tempo —
outrora, no começo de tua vida, ó adolescente
não tinhas luzes artificiais, noite do chapadão!
Agora, certas noites, quando ando em tuas ruas,
remotamente recordo o que eras.
As vezes — tão poucas! — tudo volta ao sertão.
O luar restaura o antigo cerrado
e dissolve as formas e lâmpadas da urbe.
Ah, eras o ermo puro! Só as retorcidas árvores
de pele seca e nodosa, mãos crispadas
pedindo uma gota de chuva na longa seca,
só os bichos do cerrado e o capim aqui viviam.
E o vento, que cortava as peles, tatuava rugas.
A translúcida opalina azul da abóboda
não tinha aviões: só o vôo dos gaviões.
E as estrelas — o ano inteiro de noites consteladas
no frio puríssimo inundavam o céu escuro.
Depois começou a máquina e outras vidas chegaram.
E brotaram lâmpadas onde tudo eram astros.
E brotaram edifícios onde tudo era mato.
E recortaram um lago onde era o chão duro.
E vieram operários, pioneiros, funcionários.
Na mesma buate, o presidente e o servente
dançavam, riam e bebiam a tua saúde.
No hotel chique confraternizavam os ministros
de sapato luzidio e os aventureiros de bota suja.
Isto foi ainda na Idade de Ouro do início,
na época lustral dos bons augúrios da aurora,
e da poeira quase cósmica do vento dos braços.



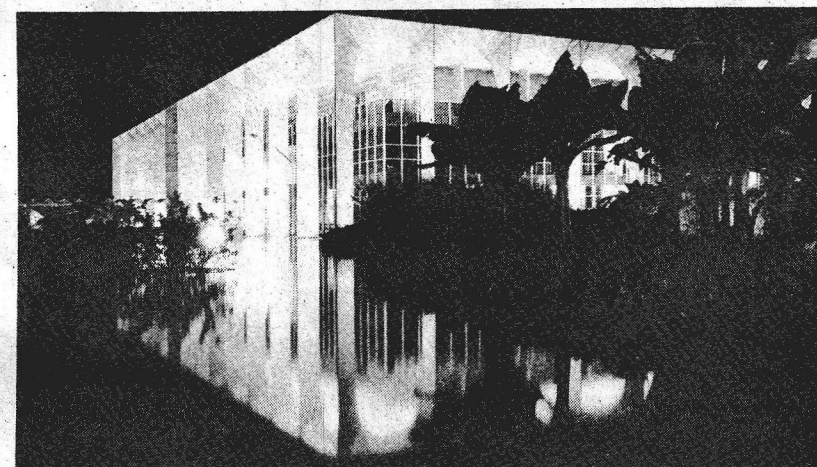
Fizeram o sinal da cruz no peito do planalto,
e perdeste a virgindade pagã de tua solidão.
Ainda era a idade, porém, da carona universal,
quando tudo fervia numa entusiástica farândola,
e uma nuvem vermelha envolvia teu rosto
e punha máscaras de barro no suor das faces fabris
dos candangos vindos da caatinga — teus amantes, índia
áspera, selvagem terra de árvores tortas,
aves de rapina e lobos. Era o coito bruto
dos teus homens e te cobrirem e fecundarem.
Não tinhas brotos, e a secura era terrível:
tuas mulheres eram escassas como o verde.
Ah, isto tudo foi ontem, no tempo anterior aos automóveis
e ao asfalto, quando a rota do chão era abrangente
e qualquer direção decidia-se ao volante
dos tratores. Ah, outrora, no tempo dos tratores!
Eras tu a esperança de uma urbe fraterna,
o sonho de uma urbe paradigmática
— ordenada igual a um magma útil, um rio
aberto a todos os calados e a todas as quilhas.
Eras a utopia democrata de um braço que fosse:
mãos dadas e o lema “Cidade Una”.



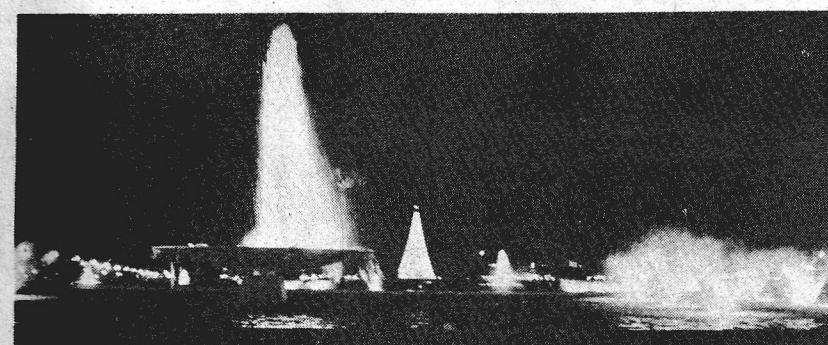
Ah, de repente nosso riso gelou: te abandonaram!
Os candangos começaram a passar fome
e foram devolvidos ao Nordeste em levars,
adultos e crianças — para não aumentar a mendicância.
Esqueletos inéditos assombraram o sertão:
carcassas de interrompidos edifícios.
E os tratores sumiram. E os entusiastas sumiram.
E um frio de caligem turvou teu ar diáfano
e penetrou na vista dos teus amantes tristes
— e eles partiram, os fecundadores, os pais legítimos.
Não havia mais trabalho para as mãos de teus parceiros.
O fecundo ventre inativo, de súbito estéril!
Principiou a derrubada da Cidade Livre.
o Núcleo da colméia de ouro e de madeira,
cornucópia de tudo, necessidades e sonhos.
Lá reinava meio ano o pô, meio ano a lama,
e um fervor de aventura e mito palpitava
em cada botequim. Idade áurea da esperança!
Depois aumentaram e aumentaram os automóveis,
e os asfaltos aumentaram, os desempregados aumentaram,
as televisões aumentaram, os preços aumentaram,
os burocratas aumentaram, os tédios aumentaram,
as famílias dos funcionários chegaram, as noites acabaram,
as desilusões se amontoaram — casas desmanchadas.
E desapareceu a vermelha nuvem, tua auréola.
E todos os sapatos brilharam — Enfim!
— suspiraram os pulcros — ainda bem!
E todos viraram homens sérios, homens de bem.
Só os poetas e enamorados te estranharam,
estranharam teus falsos bons modos, índia!
E ficaram fiéis à antiga fêmea livre.
E os aventureiros, e os cachaceiros, e os pioneiros,
e os candangos que não partiram. Todos na esperança
de voltar a ver teu ventre parir portentos.
Aí, a madeira, substituída pelo concreto armado,
foi apodrecendo aos poucos nos monturos.
A fórmica igualou os bares do sertão e litoral.
E secou o sal da pedra onde nossos vastos bois
de paciência e espera lambiam o mar na terra



Um dia os edifícios se reergueram de repente.
Houve um frêmito igual a um vento em nervos mortos.
Mas a índia adolescente havia falecido.
O trabalho não era aquele entusiasmo. Pasma
com teu colapso, estava teu homem ainda estupefato.
Só via recordações. E a saudade aboiava no cerrado.
Aonde a índia simples, alegre, árdua e dadivosa?
Aonde os amantes de primeira hora, os bravos?
Agora a febre era fria. Seu nome: progresso.
E te consolidaram, te colaram os ossos quebrados,
convalescente e te levantaste. Porém triste.
Eras um espectro com aparência de gente,
eras Lázaro. Não sabíamos o tamanho da surpresa
dupla — de tua morte e de tua ressurreição.
Ninguém media a mistura de tristeza e alegria.
Chorávamos e ríamos por ti. Mas a adolescente bugre,
essa, estava morta. Se transformara em urbe,
em vedete toda arrumada e competitiva.



Hoje és matrona bem burguesa e bem gorda,
instalada frente a um aparelho de televisão.
Estás mais úmida e tratada, mais branda e mais sabida
Como era cativante tua carícia tosca e aspera!
De vez em quando, olhamos teus retratos antigos
e recordamos o riso da índia nova e arisca.
Muito poucos saem em busca de teu rosto primeiro
— a pele pura de astros na imensidão noturna.
Teu silêncio, mal o recordamos. Mesmo alta noite
roncam motores a lembrar a tua morte.
Durante o dia és uma cidade como outra
— freadas, engarráfamentos, gincanas, repartições
Foste repartida, Brasília, num esquartejamento sábio.
Tuas praças estão arrumadas, mas de que adianta?
Só uma ou outra árvore primitiva subsiste.
Apesar dessas belas maquetes quase marianas,
dos coloridos postais que despachamos,
o teu rosto bugre era mais belo,
o índia morta, de carne dura, brônzea, solitária!



Pra que tanto carro, pra que tanta loja, pra que
tanto funcionário, pra que tanto edifício? Ah,
para que se cumpram os fados do progresso,
para que se cumpra teu destino de cidade.
E haja mais restaurantes, bares, mercados, conforto,
e impem de orgulho os fãs do fatalismo tribal,
e cresçam os ignorantes adolescentes que não te possuam,
e as madames possam comprar novidades na butique,
e os que te detestam sorriam com sarcástico desdém
e citem as delícias do requinte das megalópolis. .
Aí, Brasília, minha saudade não se consola
com tanta coisa nova. Tanta coisa está morta!
Confesso que por isso, em tua memória, — adolescente
enterrada, desaparecida tão cedo de nossos olhos —
por tudo isso eu te amo quase sempre à noite.
Sem o verde que enfeita a tua pele primitiva.
Quando não vejo os badulaques de tua nova cara.
Embora os postes de mercúrio — estranhas garças
fantasmais, enormes, grotescas — não permitam,
não permitam, ó índia morta, que eu esqueça
que tu és uma cidade, cidade, cidade!

